

cultura: imagens e representações

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 8 . 2008

Espelho meu
Ilusão biográfica e ideal historiográfico:
a construção de Egas Moniz.

Manuel Correia

CORREIA, Manuel – “Espelho meu...– Ilusão bibliográfica
e ideal historiográfico: a construção de Egas Moniz”.
In: *Estudos do Século XX*, n.º 8 (2008), p. 345-361.

Manuel Correia. Doutorando em História da Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

*Os homens passam, as conquistas científicas permanecem ou transformam-se.
A história, que as arquiva, fará a sua crítica¹*

1. Construção biográfica: Ilusão e poder

Não está ao alcance de todos a tomada de uma decisão eficaz relativamente ao modo como se deveria ser recordado no futuro. É necessário trabalho empenhado, persistência, concordância e aceitação dos coevos, simpatia e sintonia dos contemporâneos. É necessário ser-se detentor do “poder biográfico”.

A auto-representação seleccionada para efeitos da construção da notoriedade e travejamento da (auto) biografia, nem sempre triunfa no conjunto das representações que os homens e as instituições vão produzindo acerca dos sujeitos históricos. Com António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (Avanca, 1874; Lisboa, 1955) foi generalizadamente aceite que a faceta científica sobrelevasse as restantes. Os seus textos de carácter autobiográfico coincidem admiravelmente com os principais ensaios biográficos que foram sendo escritos acerca de Egas Moniz. Esta coincidência levanta alguns problemas.

O 1º, deriva de uma incorrespondência. Dela nos ocuparemos na parte seguinte deste texto (2. O Político na sombra do cientista), destacando o jogo de convivências que se vieram a estabelecer contra a evidência documental.

O 2º problema coloca-se relativamente às actividades e pertenças que se encontram profusamente documentadas mas não foram assumidas por Moniz nos seus escritos publicados, nem circunstanciadamente considerados nos ensaios biográficos que lhe foram sendo dedicados. Tratando-se de actividades e pertenças “fortes”, autênticos “marcadores civilizacionais” nalguns casos, assentir em continuar a contorná-los constitui uma perda grave de conhecimento acerca das ideias, atitudes e valores que ligavam Moniz aos seus contextos.

No âmbito das suas “figurações”, deter-nos-emos nos casos da Maçonaria e do mundo dos duelos, na 2ª parte, (3. Duelos e Maçonaria. *Noblesse oblige*) e, na 3ª parte, salientaremos algumas das posições que ocupou no plano empresarial (4. Vida empresarial. A indesejabilidade de um perfil).

Após delineação das incorrespondências, passaremos em revisão um dos exercícios de aproximação biográfica que Moniz fez tomando por émulo Santiago Ramón y Cajal (1852, Petilla de Aragon; 1934, Madrid). A homenagem com que formalmente Egas Moniz presentearia a memória de Cajal contém alguns exemplos da plasticidade com que se pode proceder a tais tipos de ajuste (5. A afinidade com Ramón y Cajal).

O inventário de incorrespondências e de manifestações de uma “pulsão biográfica” orientada para uma representação bem definida, conduz, por fim, a uma série de reflexões acerca da “construção biográfica” enquanto “construção da notoriedade”.

¹ É assim que Egas Moniz termina a sua “Última Lição”, na Faculdade de Medicina de Lisboa, em 29 de Novembro de 1944, acrescentando: “Sinto-me sombra a desvanecer-se nas gerações que se seguem. E agora, ao despedir-me, ousou rematar: esforcei-me por bem cumprir o meu dever” (MONIZ, Egas – *A última lição*. Lisboa: Portugalia, 1944, p. 37).

Tipificando o que ficou dentro e fora dessa selecção de perfis, concluiremos (6. Os biografemas² que ficaram) sugerindo que as constelações de características e qualidades atribuídas a Moniz configuram uma filtragem de “biografemas” ao jeito da ideologia que enformava a visão heróica e elitista da história, expandida por Thomas Carlyle³. Entre o indivíduo “concreto” e o indivíduo “construído”⁴, revelam-se os traços identitários esquecidos ou obscurecidos. Ganha-se em conhecimento o que eventualmente se tem perdido em distanciamento heroizante.

2. O político na sombra do cientista⁵

Moniz decidiu, a partir de meados dos anos 20, consagrar-se quase exclusivamente à investigação científica⁶. A partir dessa época, sustentou, em público, por diversas vezes, e deixou escrito que a sua passagem pela política se resumira a algo episódico⁷. O livro que publicou em 1919 tinha sugestivamente um título que poderia dar a entender isso mesmo – “Um ano de política”⁸.

Deputado pelo Partido Progressista desde 1900⁹, ligado a José Maria de Alpoim, que foi seu “padrinho” académico, em representação de José Luciano de Castro, na cerimónia de formatura universitária, Egas Moniz manteve-se na política activa, com

² Unidades biográficas elementares, na base das quais se compõe uma biografia, tal como na linguística estrutural se atribui a designação de fonema à menor unidade fonética articulável. Conceito elaborado por Roland Barthes, mencionado pela primeira vez no prefácio do seu livro *Sade, Fourier, Loyola* (BARTHES, Roland – *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Seuil, Collection “Points”, 1971, p. 12).

³ CARLYLE, Thomas – *On heroes, hero-worship and the heroic in history*. New York: Frederick A. Stokes and Brother, 1888.

⁴ Acompanho aqui a crítica a que Pierre Bourdieu submeteu as noções correntes que apresentam as histórias de vida, biografias e autobiografias como narrativas de “trajectos” coerentes, homogéneos e harmoniosos, frequentemente estribados nas metáforas da viagem ou do caminho, com pontos de partida, de chegada, em que intencionalidades bem definidas e constantes orientam a progressão. (BOURDIEU, Pierre – «L'illusion biographique». In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: 62/63, p. 69-72, Juin, 1986, p. 72)

⁵ Expressão utilizada numa série de dois artigos em que discuti mais desenvolvidamente a ideia de não correspondência entre a versão que Moniz fornece acerca da sua “passagem pela política”, e a evidência do tempo e da intensidade com que se lhe consagrou. (CORREIA, Manuel – “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»”. In: *VÉRTICE*. Lisboa: Setembro – Outubro, 2004, n.º 119, p. 57-74).

⁶ A carta de Egas Moniz para Berlim, em 1924, encomendando a Eduardo Coelho um exemplar de um Tratado de Radiologia, aponta nesse sentido. Cerca de três anos depois, Moniz apresenta publicamente os resultados das suas investigações conducentes à Arteriografia Cerebral. Tal proximidade temporal leva o destinatário da carta a intuir que, no momento da encomenda, Moniz já teria gizado o plano de investigação revelado mais tarde. (COELHO, Eduardo – “A vida científica de Egas Moniz”. In: *Journal do Médico*. Porto: 1950, Separata XV (373), p. 432-436.)

⁷ “(...) Terminada a minha missão como Presidente da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz, em 1918, dei por concluída a actividade na vida política, recolhendo definitivamente à minha missão de professor e investigador.” (MONIZ, Egas – *Confidências de um investigador científico*. Lisboa: Ática, 1949, p. 16). Noutra passagem, mais tarde, dá a entender que, tudo se resumia, em Lisboa, depois da implantação da República, a uma distribuição de empenhos “no Parlamento e na Cátedra.” (MONIZ, Egas – *A nossa casa*. Lisboa: Paulino Ferreira, Filhos Lda., 1950, p. 370)

⁸ MONIZ, Egas – *Um ano de política*. Lisboa: Portugal - Brasil Lda., 1919.

⁹ Diário da Câmara dos Deputados de 8 de Janeiro de 1900.

raras intermitências, durante cerca de ¼ de século. Quanto à ideia de um “tempo político escasso”, poder-se-ia obter que a extensão temporal não tem de significar, forçosamente, um curriculum assinalável, separando a grandeza do período da intensidade da acção. Porém, no caso de Egas Moniz, a intensidade conjuga-se com a extensão, oferecendo um percurso acidentado, feito de numerosas mudanças, transições e rupturas.

Do meio legitimista, familiar e religioso, em que nasceu e foi iniciado nas primeiras letras, até à ida para a Universidade de Coimbra; do 1º mandato de deputado à Câmara dos Deputados, até à Dissidência Progressista, em que alinhou, de novo, com José Maria de Alpoim (1905); da aproximação aos republicanos até à Intentona da Biblioteca e ao Regicídio (1908); da Constituinte de 1910/11, à incompatibilização com os “Democráticos” de Afonso Costa e ao apoio velado à ditadura de Pimenta de Castro; e, finalmente, do apoio e envolvimento no *Sidonismo*, até ser afastado da presidência da Delegação Portuguesa à Conferência de Paz de Versailles, a extensão temporal e a intensidade do protagonismo, sobrepõem-se.

Nota-se que Moniz, aqui e acolá, em conferências, colóquios e outros apontamentos, se mantém atento à política, comentando lateralmente acontecimentos, expendendo opiniões resguardadas pela abstracção. A propósito das “Psicoses Sociais”¹⁰, revela o seu convencimento acerca do modo como funciona a sociedade; a pretexto de “A geração humana e as doutrinas de Exeter”¹¹, condena os “excessos” dos nazis na experimentação em humanos, sem deixar de preconizar medidas eugénicas, positivas e negativas, para enfrentar casos de infertilidade ou de reprodução indesejável.

Após a sua jubilação, em 1944, revela publicamente a sua discordância com a ditadura. Abstém-se, em geral, de qualquer condenação das políticas, em concreto. Mas denuncia a ausência de democracia e de liberdades, nomeadamente no decurso dos períodos eleitorais. Participa em movimentos cívicos, pela causa da Paz; é convidado a candidatar-se à Presidência da República em 1951 (por morte do General Carmona); escreve na imprensa, denunciando a falta de garantias para as oposições nos actos eleitorais¹²; e anota, nos seus escritos íntimos, o seu desgosto pelo andamento geral das coisas públicas¹³.

¹⁰ MONIZ, Egas – *Ao Lado da Medicina*. Lisboa: Bertrand, 1940, p. 9 – 37.

¹¹ MONIZ, Egas – *Conferências Médicas*. Lisboa: Portugália Editora, 1945, 1º Volume, p. 9-64.

¹² O jornal *República* (28/10/1953) titula na 1ª página, sobre foto a duas colunas, ao centro: “Egas Moniz, Prémio Nobel, glória da nossa cultura, produz um depoimento esmagador contra a actual situação”. Depois vem a manchete: “A comédia vai repetir-se!” E, em seguida, o pós-título: “Eleições sem fiscalização da Oposição não merecem esse nome: são nomeações que poderiam ser feitas no Ministério do Interior – declara à “República” o eminente sábio de prestígio internacional.”

¹³ “Nunca, desde que o ditador se instalou no poder, houve eleições. Uma burla a constituição da chamada Assembleia Nacional! Os recenseamentos são falsos, só se inscrevem os nomes daqueles que não podem fazer mal. Tocam a campainha das perseguições necessárias e não se admitem reclamações. Tudo é falso e porco; mas se algum protesta, cadeia ou então, com o epíteto de comunista descem aos centros dos campos de concentração desde Peniche à Ilha do Sal. Toda a resistência é inútil. Não há fiscalização de mesas eleitorais, aqueles que as constituem são da grei ditatorial. As operações de apuramento são exclusivamente feitas, por mandatários do partido que a apoia sem que qualquer pessoa prove existir fraude. Esta domina hoje tudo em Portugal!” - MONIZ, Egas – *Apontamentos a propósito do Prémio Nobel de 1949*, - Manuscrito policopiado datado de 30/11/1954, p.13-15.

Em síntese: Moniz consagrou à política activa uma boa parte da sua vida. Ao longo de um quarto de século, interveio em momentos-chave, assumiu responsabilidades e sofreu as consequências das suas opções. Para reforçar a imagem de cientista bem sucedido, tentou minimizar a importância da sua prestação política. Numerosas memórias biográficas seguiram esta tónica. Os trabalhos da história revelam um resultado diferente¹⁴.

3. Duelos e Maçonaria: noblesse oblige

Se, relativamente à política, Moniz optou por dar a ideia de uma passagem fugaz, a sua reconhecida e documentada pertença ao mundo dos duelos, como forma aristocrática de resolver pendências de honra, tal como a sua iniciação na Maçonaria, são completamente omitidas nos seus textos de carácter autobiográfico. Faço-lhes aqui uma breve referência, em conjunto, não tanto por se tratar de instituições da mesma natureza, mas por configurarem alguns traços essenciais comuns no plano da construção biográfica.

Estamos, nos dois casos, perante uma pertença a instituições que representavam, na altura, a sobrevivência medieval de um modo privado de dirimir ofensas e injúrias à margem da ordem jurídica existente: uma, (a dos duelos); outra, (a Maçonaria), associação orientada para a extinção do absolutismo e expansão dos ideais da fraternidade, igualdade e instrução¹⁵. Pese embora a aparente contradição entre as duas, tem interesse sublinhar, neste ponto, a carácter secreto que revestiam. Apesar de, relativamente a ambas, existir evidência documental bastante¹⁶, sublinhe-se que Moniz não fez nenhuma menção a qualquer delas nos textos de carácter autobiográfico que publicou. Sem tentar apurar as motivações de tais secretismos, o certo é que estas duas facetas biográficas, geralmente desvalorizadas na maioria dos testemunhos e ensaios de carácter biográfico, revelam dois aspectos marcantes do modo como Moniz se relacionava com as instituições do seu tempo.

Enquanto a pertença à Franco-Maçonaria significava a selagem de um compromisso profundo com o núcleo duro dos republicanos, o apego aos códigos e rituais

¹⁴ Entre outros, Malheiro da Silva, na sua excelente análise sobre Sidónio Pais e o Sidonismo, conclui que Moniz não teve apenas uma forte influência nesse período. Foi a figura central do PNR (formado com base no Partido Centrista de que Moniz fora o principal fundador), ouvido nas principais questões relacionadas com recrutamento político e preenchimento de cargos, e líder da maioria parlamentar. Pode ser considerado uma das figuras mais importantes do Sidonismo. - SILVA, Armando Malheiro da - *Sidonismo. História de um caso político*. Coimbra: IUC, 2006, Vol. 2. p. 257 e seguintes.

¹⁵ Ver, p. ex. a entrada sobre Portugal na "Encyclopédie de la Franc-Maçonnerie", da autoria de Oliveira Marques e Alves Dias. In: AAVV - *Encyclopédie de La Franc-Maçonnerie*. Paris: LGF-Livre de Poche, La Pochotèque, 2002, p. 667-668.

¹⁶ Relativamente à iniciação, em 1910, na Loja Simpatia e União do Grande Oriente Lusitano, ver CORREIA, Manuel - *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. Coimbra: IUC, 2006, p. 25. Quanto aos duelos, Moniz surge activamente associado a essa prática, em NORTON, José - *Norton de Matos. Biografia*. Lisboa: Bertrand, 2002, p. 176-178; assumindo os estatutos de "testemunha", "conselheiro de arbitragem", membro do "Tribunal de Honra", em LEMOS, Mário Matos e - "O duelo em Portugal depois da implantação da República". In: *Revista de História das Ideias*, Rituais e Cerimonial. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1993, 15, p. 580-592; e ao seu contínuo envolvimento, pelo menos até 1925, em SANTOS, José Ribeiro dos - "O último duelo que se travou em Lisboa". In: *História*. Lisboa: O Jornal, 1981, Março, n.º 29, p. 5.

dos duelos da velha aristocracia, punha em relevo uma cultura política que não reconhecia, ainda, inteiramente, ao Estado, a exclusividade da administração da violência; aos tribunais a capacidade de julgar pendências de honra; e à lei o critério fundamental para a regulação dos conflitos mais graves.

Decorre daqui que o secretismo do próprio Moniz, e o apagamento ou relativização de que estes aspectos foram objecto nos ensaios biográficos que o têm seguido, apesar de compreensíveis à luz da contenção e reserva da nobreza aristocrática e cavalheiresca, operam uma dupla denegação historiográfica. Simplificam os termos da narrativa biográfica pactuando com os secretismos de conveniência e, em simultâneo, empobrecem a informação acerca de aspectos fundamentais acerca daquilo a que se costumava chamar a “mentalidade” da época.

António José de Almeida, entre outros líderes republicanos, assumiu posição de princípio contra a prática obsoleta dos duelos¹⁷; Moniz, que acompanhou por largo tempo nas andanças da facção evolucionista, não apenas se manteve activo no âmbito dos duelos, como era considerado um *expert* na matéria, chamado ao aconselhamento e julgamento prévio de várias pendências.

4. Vida empresarial. A indesejabilidade de um perfil

O Moniz empreendedor, gestor dos recursos que foi acumulando, com sentido de oportunidade e investidor diversificado tem escapado, em grande parte, à generalidade das narrativas biográficas. Mesmo quando lateralmente referidas, tem havido um consenso desvalorizador acerca das informações de carácter socioeconómico e financeiro que concorrem para uma avaliação comparativa a este nível. Mais uma vez, é duplamente compreensível que o próprio não se tenha referido a estes aspectos nos seus escritos (“modéstias” da nobreza aliadas ao cuidado da selecção biográfica), sendo que, tal como nos exemplos anteriormente aduzidos acerca da Franco-Maçonaria e do mundo dos duelos, o recorte historiográfico fica, também neste caso, duplamente amputado.

Não é despidianda, para a compreensão da inserção social de Moniz, uma descrição, ainda que sucinta, dos seus rendimentos e interesses; nem é possível avaliar a consistência das numerosas narrativas biográficas sem o estabelecimento de um padrão mínimo a este respeito.

Aquém da exaustividade, assinalam-se algumas das fontes de rendimento de Egas Moniz, para além das que decorriam do património herdado. Professor universitário (primeiro em Coimbra, depois em Lisboa); director do serviço de neurologia do Hospital de Santa Marta; exercício da actividade médica em regime liberal, com consultório na cidade; médico da CP e, a partir de 1903, médico especialista da mesma empresa, até 1945, data em que foi aposentado; médico chefe do ramo vida da Companhia de Seguros Americana Mutual Life; accionista fundador, médico chefe do ramo vida e membro do Conselho de Administração da Companhia de Seguros

¹⁷ Iniciativa secundada por outros parlamentares que tomou forma no Decreto de 1911 que visava substituir a prática dos duelos por “Tribunais de Honra” (LEMOS, Mário Matos e., ob. cit., p. 573).

A Nacional; sócio fundador da Sociedade de Produtos Lácteos (Avanca), mais tarde adquirida pela Nestlé.

Para além de sabermos que Egas Moniz pertencia a um grupo social cujos rendimentos se situavam ao nível da alta burguesia, cujo orçamento era assegurado quer pelas funções públicas (Director de Serviços Hospitalares e Catedrático da Faculdade de Medicina), quer pelo exercício liberal da profissão médica, quer ainda, por avenças, prestação de serviços e investimentos vários, de que decorria também, por vezes, a assunção de responsabilidades gestionárias.

Este conjunto de constatações coloca-nos perante um Moniz com interesses, empenhos e actividades diversificadas, remuneradoras quer do seu trabalho altamente qualificado, enquanto médico especialista, quer dos capitais investidos em quotas e acções; mostra-nos a influência do médico, e o modo como tirou partido do seu saber e da sua habilidade em sectores de actividade em que investiu conhecimentos técnico-científicos e capital.

Do conjunto mencionado, destacamos, por ter sido menos referida¹⁸ na literatura biográfica acerca de Moniz (e, mais uma vez, inteiramente omitida pelo próprio) o seu concurso no sector dos seguros, ramo vida.

Moniz adquirira já experiência comprovada no ramo dos seguros de vida. Fora Médico Chefe da Companhia de Seguros Americana, *Mutual Life*¹⁹. O primeiro relatório²⁰ que assina, já como Médico Chefe da recém criada Companhia de Seguros A Nacional, revela um conhecimento abrangente da problemática dos seguros de vida e o acompanhamento internacional do que se fazia no sector. Delineia as precauções que a *A Nacional* deve tomar para que a actividade seja rendosa; explica o conjunto de critérios para a sobretaxa dos “prémios” de acordo com os diagnósticos e outras estimativas acerca da longevidade dos potenciais clientes da seguradora. Esta actividade em que os saberes da medicina se constituem em técnica auxiliar de uma indústria determinada, aproxima-nos um pouco mais do “ser social” de Moniz. A sua mundividência incluía forçosamente um olhar sobre a vida em que a respectiva durabilidade podia ser objecto de um interesse particular.

A sua actividade e ligações empresariais tinham consequências políticas à esquerda. O Secretariado do Comité Central do PCP, por exemplo, na sequência da “farsa

¹⁸ Assinale-se, a título de exemplo, a referência que António Macieira Coelho faz à actividade empreendedora do seu familiar Egas Moniz: “Poucos saberão ter sido ele a lançar em 1923 o surto inovador na sua região com a constituição da Sociedade de Produtos Lácteos, depois comprada pela Nestlé em 1934, também por sua iniciativa, e onde tinha razoável posição accionista. Também tentou estabelecer uma unidade bancária, o Banco Antuã, que teve vida curta por má escolha de associados e lhe causou grandes dissabores.” (COELHO, António Macieira – “Vivências na intimidade de Egas Moniz”. In: PEREIRA, Ana Leonor, e PITA, João Rui (Org.) – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva, 2000 p. 58). Os dois exemplos de empreendedorismo conferidos, um a título de revelação (“poucos saberão...”), outro a título de tentativa mal sucedida (“Banco de Antuã”), prolongam a relativização da faceta empreendedora de Moniz num equilíbrio de soma nula (sucesso versus insucesso), que mantém o traço empreendedor na periferia das características biográficas principais.

¹⁹ Agradeço ao Dr. Armando Caeiro as preciosas indicações e conselhos nesta matéria (CAEIRO, Armando – “Elementos sobre a história do Seguro de Vida em Portugal”. In: *APS Notícias – Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Seguradores*. Lisboa: Abril - Junho, 2003, n.º 1).

²⁰ AAVV – *Companhia de Seguros A Nacional: Relatório do Conselho de Administração*. Parecer do Conselho Fiscal e Relatórios do Director e do Médico Chefe. Lisboa: Casa Portuguesa, 1907.

eleitoral” de 1951, condena a “veleidade” dos que alvitram o seu nome para candidato da Oposição Democrática, apontando-lhe, além do seu passado político ligado à 1ª República, e o seu alinhamento “Atlântico”,

(...) o seu antisovietismo e as suas ligações capitalistas com grandes trusts estrangeiros dominados pelo capital norte-americano (Neslé - Alimentana) e a sua participação activa em importantes empresas capitalistas nacionais (Seguro Vitalicia, Seguro A Nacional, Empresa Agrícola de Catanhede, etc.) e que via somente no prestígio científico do Dr. Egas Moniz (como 1º Prémio Nobel do nosso país) razão suficiente para fazer dele um candidato democrata à Presidência da República²¹.

A atitude, perfeitamente legitimada no quadro dos valores que enformavam o impulso empreendedor, a criação de riqueza, a exploração de oportunidades, a livre empresa e o mercado, parecia contudo menos interessante à luz da separação cultural entre materialismo e espiritualismo que colocava os homens de ciência do lado de cá da trincheira imaginária.

5. A afinidade com Ramón y Cajal

No final dos anos 40, Egas Moniz começou a escrever acerca de Santiago Ramón y Cajal²². O facto causa alguma estranheza, pois a empatia com que se lhe refere, brota subitamente, cerca de ½ século após o triunfo do novo paradigma neuronal. Não há notícia de lhe ter consagrado qualquer texto em qualquer das oportunidades celebratórias em que Cajal foi objecto da atenção de cientistas portugueses.

As duas peças mais significativas dessa aproximação simbólica datam de 1948²³. Moniz expõe a doutrina de Cajal, atribuindo-lhe uma influência determinante das condições teóricas em que decorreram as suas investigações relativamente à leucotomia pré-frontal.

Nas conferências em que Moniz chama Cajal para tema central, objecto de homenagem e émulo, as afinidades que detecta excluem dois vivíssimos traços da personalidade de Cajal, enfatizando outros tantos em que se revê. A base da sua informação acerca da biografia de Cajal é sobretudo o livro *Recuerdos de mi vida*²⁴,

²¹ E a nota prossegue: “(...) esses democratas ignoravam, por exemplo, que o Prof. Egas Moniz, quando era Presidente da Comissão Nacional para a Defesa da Paz, considerou o Pacto do Atlântico útil e se recusou a assinar o apelo contra o emprego das armas atómicas ou a tomar qualquer atitude pública em defesa da Paz.” (PCP – *O Partido e as últimas “eleições” Presidenciais*. Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português: Editorial Avante, 1952, p. 2).

²² Moniz faz-lhe uma curta, mas destacada referência em “A última lição” (MONIZ, Egas – *A última lição*. Lisboa: Portugália, 1944, p. 24) enumerando “*A histologia do sistema nervoso*” entre os “subsídios encontrados em duas obras fundamentais”, a par de “*A anatomia do sistema nervoso dos vertebrados*” de Kappers, Huber e Crosby.

²³ Trata-se de duas conferências proferidas na Academia de Ciências de Lisboa a que acrescentou, ao publicá-las no volume III das “Conferências Médicas e Literárias”, um posfácio assinalando a sua nova condição de galardoado com o Prémio Nobel. (MONIZ, Egas – *Conferências Médicas e Literárias III, Ramon y Cajal*. Lisboa: Portugália Editora, 1950, p. 93-107).

²⁴ CAJAL, Santiago Ramón y – *Mi infancia y juventud*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1952.

passando ao largo de *El Mundo visto a los 80 años*²⁵ e de outros escritos e factos emblemáticos²⁶.

Os propósitos centrais de Moniz visam pôr em evidência o quanto se assemelham os dois “sábios peninsulares”, – ele próprio e Cajal, na ocorrência – pela capacidade indômita de vencer obstáculos e realizar obras de talento em circunstâncias desfavoráveis; pelos traços de carácter e de personalidade comuns; e pela forma como a obra de Moniz (sobretudo a *leucotomia pré-frontal*) dependendo das teorias de Cajal, as (re)compensou do benefício delas colhido, reforçando-as, em contrapartida.

Sem a doutrina do neurónio e do muito que se tem produzido em torno da ideia inicial, tanto no campo morfológico, como no experimental, eu não teria realizado a leucotomia pré-frontal que colaboradores estrangeiros divulgaram, criando novas técnicas operatórias e orientando a intervenção na escolha dos doentes com psicoses mais acessíveis à nova terapêutica cirúrgica.

E a continuar a contar-se por centenas as curas e melhoras, também poderei dizer que a leucotomia cerebral veio, por sua vez, em defesa da doutrina que, há 60 anos, Ramon y Cajal proclamou pela primeira vez.

*Nesta troca de serviços eu fui o grande beneficiado. Pelo meu lado apenas ofereço um argumento a mais, a favor do que, há muito, julgo demonstrado.*²⁷

Moniz profere a sua primeira conferência sobre Cajal quando vai completar 74 anos, mas não toma Cajal como émulo quando se trata da partilha de fraquezas próprias.

Não teria surpreendido se Egas Moniz, insigne membro da Academia de Ciências de Lisboa, – e seu Presidente, anos a fio²⁸ – tivesse, pelo menos, aludido que Santiago Ramón y Cajal fora também eleito seu sócio correspondente em 4 de Março de 1897²⁹.

A influência de Cajal exercera-se também desse modo, atestada pelo parecer abonatório assinado, entre outros, por Carlos May Figueira, José Joaquim da Silva Amado e Virgílio César de Oliveira Machado, que fundamentam assim a eleição de Cajal para sócio correspondente da então Academia Real de Ciências:

²⁵ CAJAL, Santiago Ramón y – *El mundo visto a los 80 años. Impresiones de un arterioesclerótico*. Madrid: Tipografía Artística, 1934.

²⁶ Alude-se aqui o facto de Cajal ser membro correspondente da Academia de Ciências de Lisboa desde 1897, (ainda na sua forma histórica de Academia Real de Ciências). Retomaremos mais adiante alguns pormenores que se prendem com a omissão deste facto.

²⁷ (MONIZ, Egas – 1950. ob. cit., p. 92).

²⁸ Egas Moniz, Académico Correspondente da Academia de Ciências de Lisboa desde 1916, foi nomeado sócio efectivo em 1923, tendo sido eleito Presidente em 1928, 1932 e 1940; Presidente da Classe das Ciências em 1940, 1947, 1948, 1950, 1951 e 1952; e Vice-Presidente da Classe das Ciências em 1930, 1931, 1939, 1952, 1953, 1954 e 1955.

²⁹ O elogio da teoria do neurónio que sobressai do texto do “Parecer da Secção de Ciências” que fundamenta a proposta de Ramón y Cajal para membro da Academia é, com certeza, a par do opúsculo “Os neurones e a vida psíquica” (BOMBARDA, Miguel – *Os neurones e a vida psíquica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897), uma das primeiras revelações da influência exercida pelos trabalhos de Cajal no meio científico português. (Arquivo da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Processo n.º 1693).

*O sábio catedrático que é hoje um dos primeiros, senão o principal, na plêiade dos mais egrégios neurohistologistas contemporâneos, veio, com as suas numerosas e importantíssimas investigações sobre a fina estrutura dos elementos nervosos, fazer uma completa revolução neste complexo e até aqui tão imperfeito capítulo da histologia.*³⁰

As páginas seguintes³¹ testemunham um conhecimento aprofundado dos métodos e das teses de Cajal, e uma adesão entusiasta à teoria do neurónio. Esta presença institucional de Cajal, ela própria traço biográfico com interesse para o relacionamento cultural e científico de âmbito peninsular, ficou também na penumbra.

Moniz, por não a achar relevante ou, pura e simplesmente, por ela não lhe ter ocorrido, omite-a.

Moniz (o “sábio peninsular” sobrevivente) glorifica Cajal (o “sábio peninsular” já desaparecido) para o engrandecimento de ambos, e a procura de um certo equilíbrio entre o *deve* e o *haver* das trocas com o principal autor do paradigma teórico à sombra do qual diz ter trabalhado, mas que, segundo ele, acabou por compensar, já que o sucesso da *leucotomia préfrontal* teria vindo contribuir, de certo modo, para o reforço do novo paradigma.

Não tendo, noutras oportunidades celebratórias, assinado qualquer texto conhecido para homenagear Cajal³², declarando, no entanto, a sua adesão, desde o início, à teoria do neurónio; nem tendo, como muitos dos seus contemporâneos, uma colecção de episódios de proximidade cuja descrição é geralmente utilizada para compor ou completar a impressão desprovida do que nos textos perpassa da personalidade e do carácter dos autores, Moniz optou por um levantamento sistemático da história de vida de Cajal, coligindo a informação relevante para a composição de um auto-retrato em que se irmanava a Cajal, numa espécie de cotejo *post factum*, da mesma ordem do que Bocage endereçou a Camões, num soneto célebre³³.

Com excepção do seu livro *Um ano de política*³⁴, que veio a lume em 1919, e em que, para além do registo dominantemente autobiográfico, tomava posição, justificando-se, demarcando-se e respondendo indirectamente a algumas das acusações que contra si então pendiam, Moniz só retomou, a fundo, essa preocupação, no texto consagrador da sua *Última lição*³⁵. Ademais, as duas obras fundamentais de carácter autobiográfico, foram escritas em 1949³⁶ e em 1950³⁷.

³⁰ “*Parecer da Secção de Ciências Médicas da Academia Real de Ciências sobre os trabalhos do Sñr. D. Santiago Ramón y Cajal, Professor numerário de Histologia e Anatomia Patológica da Universidade de Madrid.* Arquivo da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Processo 1693.

³¹ O manuscrito tem dez páginas, descontada a folha de rosto e está apenso ao Processo de Santiago Ramón y Cajal, referido anteriormente.

³² Tal como recordámos anteriormente, não se conhece nenhum texto de Moniz aquando da morte de Ramón y Cajal, em 1934, nem tampouco em 1941, quando foi assinalado o cinquentenário do Neurónio.

³³ “*Camões, grande Camões, quão semelhante / acho o teu fado ao meu, quando os cotejo! / Igual causa nos fez, perdendo o Tejo, / arrostar c’o sacrilego gigante.*” (BOCAGE, M. M. Barbosa du – *Obra Completa*. Porto: Edições Caixotim, 2004, Volume I. *Sonetos*, p. 199).

³⁴ MONIZ, Egas – *Um ano de política*. Lisboa: Portugal - Brasil Lda, 1919.

³⁵ MONIZ, Egas – *A última lição*. Lisboa: Portugal, 1944.

³⁶ MONIZ, Egas – *Confidências de um investigador científico*. Lisboa: Ática, 1949. (Publicado antes da atribuição do Prémio Nobel que viria a ocorrer no final desse ano).

³⁷ MONIZ, Egas – *A nossa casa*. Lisboa: Paulino Ferreira, Filhos Lda., 1950.

Tal circunstância colocou a Moniz um exigente trabalho de memória. Aí, Moniz apoia-se, por vezes, em documentação da época, imprimindo verosimilhança histórica aos seus enunciados; noutros casos, fala dele próprio a pretexto da navegação à vista que faz de outras figuras, acontecimentos e ideias. Num caso e noutro, a estratégia discursiva é a de legar a melhor versão, reconstruindo a sua imagem, de modo a sublinhar nela os traços susceptíveis de consolidar e avivar a notoriedade científica³⁸.

Esta aplicação sistemática de Moniz ganha em compreensibilidade se a acompanharmos da necessária pressão de *lobby* de que se ocupou desde 1927 com o intuito de ser nomeado e ganhar o Prémio Nobel³⁹.

Outros leitores atentos da obra *moniziana* têm reparado nessa determinação, directa e conspícua, com que o *Sábio de Avanca* modelava as auto-representações.

É certo que Egas Moniz parece ter esculpido cuidadosamente a imagem que de si pretendeu legar à posteridade. É por isso que a sua autobiografia publicada em 1949, antes da concessão do Prémio Nobel, embora contenha informação indispensável para a compreensão da génese das suas duas contribuições científicas principais, sofre do tom algo excessivo do panegírico ao herói solitário, vencedor de uma luta titânica contra tudo e contra todos⁴⁰.

Desconte-se à modalização hiperbólica – “contra tudo e contra todos” – o gesto de reconhecimento que Egas Moniz faz na direcção de Ramón y Cajal. Tardio, talvez; incompleto, decerto; deixando na sombra alguns aspectos fundamentais da atitude de Cajal em relação à cultura (às polémicas e à capacidade de reconhecer as fragilidades do envelhecimento), sem dúvida. De qualquer maneira, um gesto envolvente, em busca de uma afinidade possível, num território de emulação bem demarcado.

Uma influência que, colocada tal como Egas Moniz a descreve, engrandece, praticamente por igual, homenageado e homenageador.

6. Os biografemas que ficaram

Compulsadas as incorrespondências (graus de extensão e intensidade da vida política; pertença à Franco-Maçonaria e ao mundo dos duelos; interesse particular na indústria seguradora) e observada a acoplagem virtual com Ramón y Cajal, perfilam-se alguns aspectos marcantes das relações que Moniz cultivou e manteve longamente, apesar de ter preferido desvalorizá-los.

³⁸ Ver acerca da construção da notoriedade em Egas Moniz, CORREIA, Manuel – “O político na sombra do cientista (I) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»”. In: *VÉRTICE*. Lisboa: Setembro – Outubro, 2004, n.º 119, p. 57-74.

³⁹ Recorde-se que Egas Moniz foi nomeado para o Prémio Nobel por cinco vezes (1928, 1933, 1937, 1944 e 1949), tendo-o conseguido da última vez, *ex-aequo* com Walter Rudolf Hess (1881-1973) da Universidade de Zurich. (CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. Coimbra: IUC, 2006).

⁴⁰ ANTUNES, João Lobo – “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro”. In: *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 85.

A exclusão parcial da política (por desvalorização), e a erradicação de quaisquer vestígios da pertença à Franco-Maçonaria, ao mundo dos duelos e à indústria seguradora, põem em destaque uma série de biografemas que foram considerados irrelevantes ou incompatíveis com a versão desejada por Moniz e por boa parte dos seus biógrafos, promovendo as acções necessárias ao vencimento da representação forte do homem de ciência.

Os textos de carácter (auto) biográfico; os trabalhos jornalísticos que o tomam por objecto (artigos, reportagens, entrevistas e efemérides); a publicidade farmacêutica a que associou a sua imagem⁴¹; as emissões filatélicas; as distinções públicas (entre as quais avulta o Prémio Nobel) e as indicações estritas e pormenorizadas que deu com vista à criação da Fundação com o seu nome e da Casa Museu de Avanca, atestam de um preciso e determinado exercício do “poder biográfico”.

A menorização da dimensão política, tal como a exclusão da condição maçónica e duelística, são exemplo dos biografemas inadequados que complicariam a imagem forte do cientista, numa extracção heróica ao jeito da teoria dos Grandes Homens, na versão de Carlyle⁴². Em contrapartida, a homenagem (próxima de um registo de *self-homage*) a Cajal, constitui o biografema que se inclui, devido não apenas à sua adequação, mas também ao reforço que decorre da identificação com outro cientista também nobelizado.

Os biografemas que ficaram, apontam celebratoriamente para o cientista, mais do que para os aspectos polémicos das suas contribuições; para o neurologista, mais do que para o político experiente que viveu sob três regimes políticos; para o médico, mais do que para o homem empreendedor, criativo e estratega.

São estes biografemas, que ficaram de fora, que devolvem Moniz à história, repondo em jogo as múltiplas ligações, os laços, as recusas e as rupturas que tornam mais verosímil um ser no tempo.

Wishart resume num breve parágrafo uma observação que pode ser tomada como um programa historiográfico:

*The way to judge whether a particular account succeeds, relative to others, is to go back to the evidence (hence the need for footnotes) to see if the facts can be considered accurate and then to assess how fairly, coherently and convincingly those facts are used in the narrative. Attention should be paid to which facts are left out of the narrative.*⁴³

⁴¹ Ver a este respeito PEREIRA, Ana Leonor; e PITA, João Rui (coord.) – “Egas Moniz e a publicidade medicamentosa (1)”. In: *Jornalismo e Ciências da Saúde* – Actas do II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e do IV Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2005, (CD), p. 401-406; ver também CORREIA, Manuel – “Egas Moniz. Imagens e representações”. In: *Estudos do Século XX*. Coimbra: Ariadne Editora, 2005, n.º 5, p. 65-82.

⁴² “For, as I take it, Universal History, the history of what man has accomplished in this world, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones: the modellers, patterns, and in a wide sense creators, of what-soever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realization and embodiment, of Thoughts that dwell in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world’s history, it may justly be considered, were the history of these.” (CARLYLE, Thomas – *On heroes, hero-worship and the heroic in history*. New York: Frederick A. Stokes and Brother, 1888, p. 1-2).

⁴³ WISHART, David – “The selectivity of historical representations”. In: *Journal of Historical Geography*, 1997, 23, 2, p. 111-118, p. 116.

O método historiográfico apresenta-se, neste caso, como uma espécie de contra-poder, escrutinador do exercício do “poder biográfico”. Ao focar a tensão entre o ser “concreto” e o indivíduo “construído”, projecta a análise para fora do círculo que as narrativas biográficas estabelecem. Do limbo dos Grandes Homens para o tempo de todos os homens.

Partindo do princípio que a pertença ao mundo e à prática dos duelos implicava uma concepção restritiva da autoridade do Estado, do acatamento dos acórdãos emitidos pelas instâncias judiciais e, mais genericamente, do reconhecimento do “império da lei”, podemos compreender a homologia axiomática que se estabelece com as suas ideias acerca do que deveria ser regulação ideal em matéria de eugenismo.

As duas atitudes parecem conformar-se num fundo de privilégio: o médico acima da lei por deter um poder particular; porque em posição mais elevada; porque, – e Moniz não cessa de citar Tardieu a este respeito – *Le ministère sacré du médecin, en l'obligeant à tout voir, lui permet aussi de tout dire.*

O Moniz dos duelos torna mais coerente o Moniz da regulação eugénica. O fechamento da representação celebratória, quase exclusivamente devotada ao Moniz nobelizado, adia o conhecimento de Moniz no seu labirinto.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV – *Companhia de Seguros A Nacional*: Relatório do Conselho de Administração. Parecer do Conselho Fiscal e Relatórios do Director e do Médico Chefe. Lisboa: Casa Portuguesa, 1907.
- AAVV – *A Nacional*. Edição do 50º Aniversário. Lisboa, 1956.
- AAVV – *Encyclopédie de La Franc-Maçonnerie*. Paris: LGF-Livre de Poche, La Pochotèque, 2002.
- ANTUNES, João Lobo – “Egas Moniz – uma palavra sobre o Outro”. In: *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do Século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*, Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- ATHIAS, Marck – “Os movimentos ameboides dos neurones”. In: *Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia Práticas*. 1898, n.º 45, 2º Ano.
- ATHIAS, Marck – “Santiago Ramón y Cajal. 1852-1934”. In: *Lisboa Médica*. Lisboa: 1934, 11, p. 831-853.
- ATHIAS, Marck – “O Cinquentenário da Teoria do Neurónio”. In: *Actualidades Biológicas*. 1941, 14, p. 6-64.
- BARTHES, Roland – *Sade, Fourier, Loyola*. Paris: Seuil, Collection “Points”, 1971.
- BOCAGE, M. M. Barbosa du – *Obra Completa*. Porto: Edições Caixotim, 2004, Volume I. Sonetos.

- BOURDIEU, Pierre – «L'illusion biographique». In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: 62/63, p. 69-72, juin, 1986.
- BOMBARDA, Miguel – *Os neurones e a vida psíquica*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1897.
- CAEIRO, Armando – “Elementos sobre a história do Seguro de Vida em Portugal”. In: *APS Notícias – Boletim Trimestral da Associação Portuguesa de Seguradores*. Lisboa: Abril – Junho, 2003, n.º1.
- CAJAL, Santiago Ramón y – *El mundo visto a los 80 años. Impresiones de un arterioesclerótico*. Madrid: Tipografía Artística, 1934.
- CAJAL, Santiago Ramón y – *Mi infancia y juventud*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1952.
- CAJAL, Santiago Ramon y – “Neurons: Structure and Connexions”. In: AAVV – *Nobel Lectures, Physiology or Medicine 1901-1921*. Amsterdam: Elsevier Publishing Company, 1967.
- CARLYLE, Thomas – *On heroes, hero-worship and the heroic in history*. New York: Frederick A. Stokes and Brother, 1888. Também disponível em www <URL: <http://www.uestia.com>>
- COELHO, Eduardo – “A vida científica de Egas Moniz”. In: *Jornal do Médico*. Porto: 1950, Separata XV (373), p. 432-436.
- COELHO, António Macieira – “Vivências na intimidade de Egas Moniz”. In: PEREIRA, Ana Leonor; e PITA, João Rui (Org.) – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva, 2000.
- CORREIA, Manuel – “O político na sombra do cientista (1) – Considerações acerca da importância e do alcance de dois enigmas monizianos – o «periférico» e o «político»”. In: *VÉRTICE*. Lisboa: Setembro – Outubro, 2004, n.º 119, p. 57-74.
- CORREIA, Manuel – “Egas Moniz. Imagens e representações”. In: *Estudos do Século XX*. Coimbra: Ariadne Editora, 2005, n.º 5, p. 65-82.
- CORREIA, Manuel – *Egas Moniz e o Prémio Nobel*. Coimbra: IUC, 2006.
- COSTA, A. Celestino da – “Abel Salazar histologista”. In: Separata da *Portocale*, I, n.ºs 5-8 (Set.-Dez. 1946). Porto, 1946.
- COSTA, J. Celestino da – *A Geração Médica de 1911. Origem, Realização e Destino*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2000.
- FERNANDES, H. Barahona – *Antropociências da Psiquiatria e da Saúde Mental. I O Homem Perturbado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- GOLGI, Camillo – “The Neuron Doctrine – Theory and Facts”. In: AAVV – *Nobel Lectures, Physiology or Medicine 1901-1921*. Amsterdam: Elsevier Publishing Company, 1967.
- KUHN, Thomas S. – *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

- LEMOS, Mário Matos e – “O duelo em Portugal depois da implantação da República”. In: *Revista de História das Ideias*, Rituais e Cerimonial. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1993, 15, p. 580-592
- MADAHIL, António Gomes da Rocha – *Instituição da “Fundação Egas Moniz” e da sua “Casa-Museu” em Avanca*, Separata do Arquivo do Distrito de Aveiro. Aveiro: Of. de Coimbra Editora, 1966, Vol. 32.
- MARTINS, Hermínio – *Hegel, Texas e outros Ensaios de Teoria Social*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.
- MONIZ, Egas – *Apontamentos a propósito do Prémio Nobel de 1949* – Manuscrito policopiado datado de 30/11/1954, do Espólio de Joaquim Seabra Diniz. Cedido por Lina Seabra Diniz e Armando Myre Dores, 1954.
- MONIZ, Egas – *Um ano de política*. Lisboa: Portugal-Brasil Ltda, 1919.
- MONIZ, Egas – “O conflito sexual”, (Conferência Plenária do Congresso Luso Espanhol das Associações para o Progresso das Ciências, realizado no Porto em 1921). In: *Portugal Médico*, n.º 9, 3ª série, Vol. VI, Fasc. 9º, p. 385-401, Porto, 1921.
- MONIZ, Egas – *O ensino médico em Lisboa. Clínica neurológica*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 1925.
- MONIZ, Egas – “L'encéphalographie artérielle son importance dans la localisation des tumeurs cérébrales”. In: *Revue Neurologique*. Paris, Juillet, 1927, volume de 1927, Tomo 2º, fasc. 1º, p. 72-89.
- MONIZ, Egas – *A vida sexual*, 14ª edição. Lisboa: Casa Ventura Abrantes, 1932.
- MONIZ, Egas – “A cirurgia ao serviço da psiquiatria”. In: *A Medicina Contemporânea*. Lisboa, Ano LIV, n.º 19, 1936.
- MONIZ, Egas – *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*. Paris: Masson, 1936.
- MONIZ, Egas – “Os pintores da loucura”. In: *Ao Lado da Medicina*. Lisboa: Bertrand, 1940.
- MONIZ, Egas – *Ao Lado da Medicina*. Lisboa: Bertrand, 1940, p. 9-37.
- MONIZ, Egas – *A última lição*. Lisboa: Portugália, 1944.
- MONIZ, Egas – *Conferências Médicas*. Lisboa: Portugália Editora, 1945, 1º Volume, p. 9-64.
- MONIZ, Egas – *Confidências de um investigador científico*. Lisboa: Ática, 1949.
- MONIZ, Egas – *A nossa casa*. Lisboa: Paulino Ferreira, Filhos Lda., 1950.
- MONIZ, Egas – *Conferências Médicas e Literárias III, Ramon y Cajal*. Lisboa: Portugália Editora, 1950.
- NORTON, José – *Norton de Matos. Biografia*. Lisboa: Bertrand, 2002.
- PCP – *O Partido e as últimas “eleições” Presidenciais*. Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português: Editorial Avante, 1952.

- PEREIRA, Ana Leonor; e PITA, João Rui (coord.) – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva, 2000.
- PEREIRA, Ana Leonor; e PITA, João Rui (coord.) – “Egas Moniz e a publicidade medicamentosa (1)”. In: *Jornalismo e Ciências da Saúde – Actas do II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e do IV Congresso Luso Galego de Estudos Jornalísticos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2005, (CD), p. 401-406.
- SANTOS, José Ribeiro dos – “O último duelo que se travou em Lisboa”. In: *História*. Lisboa: O Jornal, 1981, Março, n.º 29, p. 5.
- SILVA, Armando Malheiro da – “Egas Moniz e a política. Notas avulsas para uma biografia indiscreta”. In: PEREIRA, Ana Leonor; e PITA, João Rui (Org.) – *Egas Moniz em livre exame*. Coimbra: Minerva, 2000.
- SILVA, Armando Malheiro da – *Sidónio e o Sidonismo. História de um caso político*. Coimbra: IUC, 2006, Vol. 2.
- WISHART, David – “The selectivity of historical representations”. In: *Journal of Historical Geography*. 1997, 23, 2, p. 111-118.